

Na cidade : 3 mezes, 590 reis. Fora da cidade : com acrescimo das estampilhas. Anuncios : na primeira vez 20 reis por linha. Na repetição 10 rs.

# O BRADO LIBERAL

Na typographia d'esta folha, rua Nova de Sousa, n.º 45.

Direcção Journalistica, rua das Aguas, n.º 84.

SEMANARIO BRACARENSE ANTI-REACCIONARIO,

HABILITADO NA FÓRMA DA LEI.

PUBLICA-SE A'S SEXTAS FEIRAS.

NUMERO 44.

SEXTA FEIRA 2 D'ABRIL DE 1875.

ANNO I

## O BRADO LIBERAL.

A pena de morte contrahos criminosos — solução predilecta dos terminos d'obscurantismo — acha em toda a parte antagonistas fervorosos.

As atenções d'estes asseclas calorosos da civilização do seculo — mantenedores strenuos da causa sacrosancta da liberdade e do progresso — voltam-se firmes e inabalaveis para as penitenciarias.

Nos Estados-Unidos da America, anda percorrendo as povoações uma senhora ingleza d'elevado caracter, com o empenho louvavel da reforma d'estas prisões.

Os discursos de Miss Carpenter são escutados com respeito.

Deve-se á Ordem Monastica Benedictina, iniciada em nosso paiz ainda em vida do proto-patriarcha S. Bento, a origem radicadora das penitenciarias.

Aos nossos leitores, que não puderem manusear acaso as Constituições Benedictinas, para se convencerem de per si d'esta verdade; lembramos-lhes a leitura d'um opusculo moderno, que lhes não será difficil obter.

Referimos-nos á *Dissertação inaugural*, que o egresso beneditino João d'Araujo Vasconcellos e Alvim, oriundo de Cabeciras de Basto, publicára em Coimbra em 4.º em 1845, para o seu acto de conclusões magnas na universidade.

Tem este opusculo o titulo seguinte: — *Dissertação inaugural para o acto de conclusão magnas, na qual se tracta do systema penitenciario, e uso, que se poderá fazer d'elle entre nós*.

Acharão n'este escripto os nossos leitores, que não tiveram origem as penitenciarias em 1786, iniciando-as os Estados-Unidos da America. — Nem muito menos tiveram origem ante-

riormente na Belgica, em 1772, na prisão affamada de Gand.

O que n'isto ha de verdade, é que desde 1786 se aboliu na Pennsylvânia — em legislação gradual — o acoute, a mutilação, e a pena de morte, como castigos infligidos aos criminosos. — E que na Philadelphia se erigira a prisão de Walnut-Street — graças a este progresso punitivo — onde em cellulas especiaes se encerravam em solidão absoluta os condemnados á morte.

Deve-se esta reforma civilisadora aos Quakers — seita religiosa inimiga da effusão de sangue, e protestadora incessante contra as leis da metrópole, que alli nas colonias condemnavam os criminosos á morte.

Cumpre lembrarmos-nos com tudo, que a origem primeira das penitenciarias — systema punitivo de solidão e silencio — data dos Canones Penitencias da antiga disciplina da igreja.

Era na solidão e no silencio, que a igreja comutava algumas vezes as penas canonicas. — Nem a excomunição, usada com frequencia na antiga igreja contra os peccadores, consistia na essencia senão na solidão e no silencio.

Sirva-nos d'exemplo S. Paulo, infligindo a ao incestuoso de Corintho; assim como o testemunho que as Sagradas Paginas nos dão, do effeito saudavel que esta pena produzira.

Eis-aqui — como a antiga disciplina monastica provem da antiga disciplina da igreja.

E quem manusear as *Constituições Benedictinas* que memoramos, achará n'ellas a descripção exacta do systema penitenciario d'Auburn e Philadelphia — os dois typos famigerados das prisões cellulares em toda a parte, fundados n'este principio humanissimo de civilização :

« Ao criminoso que pena, deve dar-se-lhe ensejo d'arrepender-se e regenerar-se ».

## Os Jesuitas.

Manifesta-se em toda a parte um odio fervoroso contra os Jesuitas.

O povo começou a abrir os olhos: e a prophacia do *Sancto Borja* — coptra a Companhia de Jesus — começa a realizar-se mais que nunca em nossos dias.

As occorrencias de Buenos-Ayres na America a este respeito, segundo as ultimas noticias d'alli especificam, são uma prova memoravel d'esta verdade.

As casas dos Jesuitas acabam de ser incendiadas; — e o paço do arcebispo, factor dos Loyolas degenerados, acaba tambem de ser invadido e maltractado.

Estas scenas tumultuosas, provocadas pelos asseclas fanaticos do altar e do throno contra a liberdade e o progresso do seculo, passaram-se no meio de graves desordens.

Verificou-se assim a este respeito, o que disse com galanteria para o compadre — em relação ao criado que serve mal — o nosso famoso Simão Machado :

- « Compadre: com estes taes,
- « Cujo serviço é roncoiro,
- « E por bem, é por demais :
- « Heis-lhe d'untar os ilhaes
- « Com oleo de zambugeiro ».

## Lei dos Fuzilamentos.

Na sessão nocturna de 17 de Março d'este anno, approvou-se em nosso parlamento a lei dos fuzilamentos. E' significativo este facto, quando

em toda a parte se levanta um clamor energico e persistente contra a pena de morte.

Basta este acto de sede de sangue, para caracterisar os nossos deputados officiaes.

Eis-aqui os nomes dos que votaram a lei dos fuzilamentos :

- Julio de Vilhena, relator. — Jeronymo da Cunha Pimentel. — Manuel Joaquim Alves Passos. — Miguel Maximo da Cunha Monteiro. — Manuel Bento da Rocha Peixoto. — José Joaquim Figueiredo de Faria. — Antonio Maria Pereira Carrilho. — José Maria Pereira Rodrigues. — Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos. — Antonio José de Seixas. — Adriano Carneiro de Sampaio. — Antonio José d'Avila Junior. — Antonio Telles Pereira de Vasconcellos. — Augusto Cesar Ferreira de Mesquita. — Augusto Neves dos Sanctos Carneiro. — Augusto Zepherino Rodrigues. — Balthazar de Ferreira dos Sanctos. — Carlos Vieira da Motta. — Fortunato Vieira das Neves. — Francisco Antonio Pinheiro da Fonseca Osorio. — Francisco da Costa e Silva. — Francisco Vanzeller. — Guilherme Quintino Lopes de Macedo. — Jacintho Antonio Perdigão. — João Ferreira Braga. — João Maria de Magalhães. — João Ribeiro dos Sanctos. — José Correia de Oliveira. — José Frederico Pereira da Costa. — José Guilherme Pacheco. — José Joaquim Namorado. — José Maria de Moraes Rego. — Lourenço Antonio de Carvalho. — Luiz da Camara Leme. — Luiz Frederico Bivar. — Luiz de Sousa Faria e Mello. — Pedro Jacome Correa. — Pedro Roberto Dias da Silva. — Ricardo Julio Ferraz. — Francisco Augusto de Mouta e Vasconcellos. — Ricardo de Mello Gouyea. — Joaquim Goncalves Mamede. — Visconde da Arriaga. — Visconde de Guedes Teixeira. — Visconde de Ribeiro de Aljô. — Visconde de

## FOLHETIM.

## BIBLIOGRAPHIA

### Segunda Carta a um Amigo.

Escrevi-lhe ha duas ou tres semanas, pedindo ao seu saber bibliographico alguma informação, alguma noticia, á cerca do *Vaquete de nobles y cavalleros*. O amigo fez ouvidos de mercador.

Do seu silencio, que n'este caso não foi ouro, inferi que estavam ambos na mesma a respeito do livro do fisico D. Luiz d'Avila, indicado por mim na sua folha n.º 40. Ficar mano a mano com o mestre, é o ponto mais alto, onde podem subir as aspirações d'um obscuro amator de livros velhos.

Saio hoje n'esta segunda carta, que tambem é um segundo pedido, com uma esperanza nova. D'esta feita, faça o que poder para me servir, porque vou fallar-lhe d'um livro nosso. Quando o vejo hesitar em bibliographia estrangeira, doe-me pouco isso; porque eu bem sei que ninguem pode sa-

ber tudo: mas em livros de casa, e livros de que não são demasiadamente grandes os nossos haveres, seria uma dos diabos ficarmos em mau ponto.

O amigo conhece bem os *Baldos das igrejas de Portugal*, de D. Nicolau Monteiro, livro cheio de sã doutrina, de muito respeito e muita virilidade, dirigido ao duro castelhanismo dos sanctissimos papas Innocencio X e Urbano VIII — os quaes por umas rasões que alguns assentam em medo da Hispanha, e outros no pouco dinheiro que lhes ia de Portugal, fizeram quanta judiaria se pôde e não pôde fazer, á firmacão da nossa restauração e independencia de 1640.

Já vê que vale bem a pena fallar-lhe d'um livro d'este auctor, livro de que não encontro noticia alguma, apesar de ter feito bastantes diligencias para isso.

Note o meu amigo, que não vou dizer-lhe que reputo unico o exemplar que possuo. Já lá vai o tempo dessas doces illusões. Quer-me com tudo, parecer, que será o *Signo do Leão Terrestre* para instrução de Principes, um dos mais raros livros que temos em portuguez.

Direi porque me fundo n'isto, e o meu amigo me fará mercê d'emenda se eu estiver em erro.

O *Signo do Leão Terrestre*, é em 4.º; e provavelmente nunca teve frontispicio: — mas o que é certo, é que nunca teve fim. Ficou em paginas 240, e acaba nas palavras *e principes da terra do que*.

Creo que não pôde haver duas opiniões a este respeito, porque a ultima folha não foi retirada do prelo: foi impressa d'um lado e está em branco do outro, de fórma que as paginas que deviam ser 234 e 235 estão em branco, 236 e 237 cheias, 238 e 239 em branco, e composta a ultima 240.

Se isto não fosse bastante para apurar a verdade, ha uma nota no meu exemplar escripta com tinta e letra do tempo, que diz assim: — *Este livro, que se intitula SIGNO DO LEÃO TERRESTRE, foi impresso no Porto, na officina de Joseph Ferreira, anno de 672; mas não se acabou d'imprimir, pela morte que a ninguem perdoa corrta a vida ao auctor d'elle, o Illustrissimo Sr. Nicolau Monteiro, Bispo da mesma cidade — o qual passou da vida presente aos vinte de Dezembro, terça feira, vespera do Apostolo S. Thome, das oito para as nove horas da noite de 1672.*

A raridade do livro vem, provavelmente, de terem sido inutilizados quasi todos os exemplares, visto ter ficado incompleta a obra, e ter morrido o auctor d'ella. Admi-

ro-me, porem, de não encontrar vestigio algum do *Signo*; e tanto mais, que o assumpto de que tracta com immensa erudição, e igual desassombro, deveria andar indicado pelo menos na *Filosofia de Principes*, apunhada nas obras de nossos portuguezes, coordenada pelo professor Bento José de Sousa Farinha.

E' certo que este prestimoso professor não se fez cargo d'inserir n'esta sua obra todos os escriptores portuguezes, que tentaram doutrinar os principes e os reis: pois nem Fr. Jacintho de Deus, nem Antonio de Sousa Macedo, nem outros ainda, lá estão na galeria dos conselheiros.

Mas D. Nicolau Monteiro era mestre d'um dos filhos de D. João IV, e offereceu ao discipulo um livro, que a morte-lhe não deixou ver concluido, mas de que se imprimiram 240 paginas. E bem poderia o auctor da *Filosofia* dar uma amostra d'elle, se o conhecesse, visto que rarissimos deviam ser os exemplares d'uma obra, que não chegou a sair inteira do prelo.

Na *Bibliotheca* de Barbosa, e no *Diccionario* do sr. Innocencio, escusa de procurar a resposta ao meu pedido. Ah! corri eu, e vim como fui.

A demasiada erudição do *Signo do Leão Terrestre* tolhe a clareza que taes doutri-

Sieue de Menezes. — Visconde de Moreira de Rei.

Votaram no mesmo sentido os 3 ministros d'estado — Antonio Rodrigues Sampaio — Antonio Cardoso Avelino — Augusto Cesar Barjona de Freitas.

Declarou que votaria no mesmo sentido tambem, se por ventura tivesse estado na camara, o deputado Guilherme d'Abreu.

Estiveram presentes na sessão, mas não tomaram parte n'esta votação, os 4 deputados seguintes: — Henrique de Paula Medeiros — Marçal d'Azvedo Pacheco — Manuel d'Assumpção — Manuel Pinheiro Chagas.

**Maçoneria Inglesa.**

Os primeiros quatro gran-mestres da maçonaria inglesa, conforme a obra memoravel *Acta Latomorum*, foram quatro varões d'extrema virtude.

O 1.º, eleito no anno 287, foi Sancto Albano — o primeiro martyr breião — intendente do palacio de Carausio, reconhecido imperador pelas legiões da Gran-Bretanha.

O 2.º, eleito no anno 557, foi Sancto Agostinho, arcebispo de Cantobery, cuja cathedral fundára no anno 600 — assim como fundára a de Rochester no anno 602, a de S. Paulo em Londres no anno 604, e a de S. Pedro d'Westminster no anno 605.

O 3.º, eleito no anno 680, foi Bennet, abbade de Winal: -- e foi durante o seu florecimento, que da França partiram para a Inglaterra maçons instruidissimos.

O 4.º, eleito no anno 856, foi S. Swithin, muito respeitado na córte do rei saxão Ethelwolpo.

Depois d'estes quatro varões distinctissimos, elegeram os maçons anglicanos por gran-mestre a Alfredo o Grande -- o mais illustre dos reis saxões, no anno 872.

N'estas datas dos annos maçonicos inglezes, adopta-se a chronologia d'Anderson, rectificada especialmente por Preston.

**Coroa de Christo.**

A tradição jerusalemítana, olhada dos hebreus com veneração extrema, dá a Coroa de Christo como feita de *lycium spinosum* -- arvore usual na Terra Sancta.

O sabio botanico Hasselquist não é d'esta opinião. — Tem para si, que

foi feita do *nabka* dos árabes — arbusto usual no Oriente, e propriissimo para o fim alludido.

Este arbusto, com ramos flexiveis, e d'um verde-escuro como a hera, tem *puas agudas*, como as figuradas na Coroa do Salvador.

**Emigração.**

Engrossa aqui d'um dia para outro a corrente da emigração para o Brazil.

Não ha canto de terra no Minho, de que não saiam diariamente alguns filhos, para as nossas antigas Terras de Sancta Cruz.

Com este despovoar das nossas aldeas, não tardarão a escacear os braços, para a cultura dos campos.

A falta d'instrução do nosso povo — mais que outra causa — é o movel funesto d'esta sêde de fortunas, phantasiadas como «archétypos do Brazil».

Ao clero das nossas aldeas — a ser illustrado como conviha — cumpria desilludir d'estes sonhos doirados aos nossos aldeões.

Ninguém poderia evidenciar-lhes melhor que elle, que o Brazil não é campo amplissimo d'exploração, para a actividade dos portuguezes.

O Brazil — é mister dizer-se altamente — não passa hoje para os nossos irmãos, d'uma terra de desterro inconsolavel, onde a miseria e a doença os victimam a milhares.

O que convem aos nossos irmãos emigrantes, é o encaminharem-se para as nossas possessões uberrimas da Africa, uma vez que se destinem a sahir de Portugal, com o fim de grangearom fortuna longe do berço.

**Companhia Litteraria Portuense.**

Chamamos a attenção dos nossos leitores, para o *annunciação* que publicamos n'esta folha d'hoje, relativo á Companhia Litteraria Portuense.

O alvo d'esta corporação, auspiciosa a todos os respeitos, é d'um alcance immenso para as lettras patrias.

Os nomes dos cavalheiros que a gerem, alguns dos quaes conhecemos com intimidade, são uma garantia segura da seriedade dos seus fins.

Dizemos tudo a este respeito, escrevendo estas palavras do intimo do coração.

namentos requerem. Uma das maiores difficuldades do discipulo seria entender os conselhos do mestre. Custa muito a desembeitar-se a gente d'aquelle ouriçado de citações divinas e profanas.

A lingoagem parece-me boa, mas por vezes pouco natural, e atravessada aqui e alli d'um *rithmo* monótono, que faz lembrar a prosa d'algum sermão d'aquelle Fr. Bento de Sequeira, que expectorava ha-rengas em verso d'oito syllabas, quando a fogueira lambia e tiznava as carnes dos judeus, queimadas pela sanctissima inquisição.

Em todo o caso, como os nossos cabeadaes n'esta especie não são fartos, não sonneguemos ao inventario o *Signo do Leão Terrestre*.

Eu não sei se a Hispanha possui mais *filosofia de principes* do que nós: mas de nota para mim pouca riqueza fallar ella muito na *Politica de Dios* de Quevedo e na *Luz de Principes y subditos de Palafox* com poucos mais. Acho que se ella se possesse entender muito, iria por ali alem... E então ella!

Mas voltemos ao *Signo*.

A franqueza com que o auctor se dirige ao principe, é digna d'applauso; porque todos nós sabemos bem, como por aquelles

tempos se fazia espojeiro de continencias ante o throno e o altar.

Os auctores d'hoje são algumas vezes mal creados, isso são: mas quasi sempre independentes. Sabem menos, mas dizem melhor o que querem. Acho que assim não é peor.

O que me faz seismar, e dar em que entender, quando leio *conselhos e instruccões para principes*, é ver que nem a alteza dos conceitos, nem a moral em parábola, nem o conselho ornado de flores divinas e profanas, quasi nunca temperavam o coração, e alentavam o espirito dos filhos dos nossos reis. Eu bem sei que alguns d'elles mal sabiam ler, mas lembra-me que sempre teriam algum frade que lhes soletrasse os dizeres.

Se Affonso VI, rei sem reino e marido sem mulher, foi o desgraçado que foi; e se o *mano* Pedro II saiu a peça que saiu; queixem-se de si: porque o *Signo do Leão Terrestre*, e a *Brachilogia de Principes*, bem claros e amigos conselhos lhes escreveram, em pura lingoagem de casa.

Este ultimo livrinho, ainda o releio eu com prazer. Fr. Jacintho de Deus diz com a maxima singeleza ao principe, que encarcerou o irmão no castello de Cintra para lhe casar com a mulher, verdades que atra-

**Grande Oriente Portuguez.**

A introdução da «maçonaria» entre nós teve logar em 1733, conforme deixamos esboçado n'esta folha, em nosso n.º 37.

As «lojas maçonicas» inauguradas desde então no reino, viviam subordinadas em geral ao «Grande Oriente Inglez», com o nome usual de «Grande Loja».

Mas em 1800 estabeleceu-se em Lisboa o «Grande Oriente Portuguez», para centro de direcção geral das «lojas maçonicas» do paiz.

Elegu-se para gran-mestre o maçon *Egus Moniz* — nome de guerra do desembargador Sebastião de Sampaio.

Entre os seus successores n'este cargo da Ordem, avulta o nome do general Gomes Freire d'Andrade, eleito em 1803, e o nome do desembargador João da Cunha Sotto-maior, eleito em 1820.

Foi tambem no anno de 1800, que no Brazil se inaugurára a primeira «loja maçonica» no Rio de Janeiro.

**A Nação.**

Foi prohibida em Hispanha, por uma Circular enviada ás direcções dos correios, a circulação do jornal lisbonense *A Nação*.

Expondo este facto, attentatorio da liberdade de pensamento, não o commentamos: — mas enfileiramos-nos ao lado do jornal legitimista, para tomar parte na manifestação do seu asco a este respeito.

O que só dizemos com a mão na consciencia, como liberaes e progressistas que somos, é que «os affonsistas e os carlistas são dignos uns dos outros!»

**Exercito Inglez.**

A Inglaterra dispense annualmente 155 mil contos de reis com o seu exercito.

As forças de que este exercito se compoem, são as seguintes: — linha, 155 mil praças; milicia, 145 mil; voluntarios, 160 mil; e reserva 35 mil: — o que prefaz o total de 495 mil hoimens.

Das 155 mil praças de linha, conservam-se 80 mil nas ilhas britannicas — onde vai implantar-se o systema prussiano dos districtos militares, cada um com seu exercito local, disposto a poder ser mobilisado em pouco tempo.

vez de mais de dous seculos se me affiguram audacias tremendas.

O fradinho de Goa tirava da humildade de franciscano, se não era da distancia que o separava da metropole, e dos ares lavados e livres que respirava por aquella famosa India, umas liberdades de politico adiantado, que lhe podiam custar caro. O que não diriam d'elle outros frades do tempo!

Vejá como elle abre a sua *Brachilogia*: — «Supponho, não disputo, a necessidade de governo. Divide-se em monarchia, aristocracia e democracia. Não disputo de melhoria: offereço as especies. Não ha pecado, que não tenha seu doutor». E logo adjante: — *Cada um defende, e sustente a parte, que mais puxa por sua affeição.*

Olhe que ideias subversivas, e que avertada e clara frase! Hoje a differença não é grande: gastam-se e desgastam-se adjectivos, e em vez de cada um puxar em politica pela sua affeição, repuxa pelo seu interesse. Só isto.

Voltando, porém, a D. Nicolao Monteiro, e para concluir esta carta; peço-lhe que me diga, se já viu algum exemplar do *Signo de Leão Terrestre*, e se sabe mais do que eu sei a respeito do livro.

Se elle não fosse obra d'um bispo, que tantos serviços fez á igreja portugueza,

**Os Judas**

Queimaram-se n'esta cidade, no sabbado da alleluia, varias figuras de Judas como é d'uso.

Na Porta do Souto, queimou-se a figura de Bismark, e no Largo da Sé a figura de Cabrera.

Apesar das allusões, a policia não se inquietou com isso.

**Desconsideração.**

Tracta-se de nova desconsideração para esta cidade nas «regiões officias».

Entre a repartição do ministerio do reino, e a do governo civil d'esta cidade, accorda-se de novo em eleger por Braga um deputado extranho á localidade, em substituição do ex.m.º Thomaz Ribeiro — tambem extranho á localidade, e eleito officialmente apesar d'isso, como se Braga fosse uma aldea de Paio Pires.

Taes são as informações que temos de Lisboa, e nos vieram d'alli como cousa decidida entre o ex.m.º Rodrigues Sampaio e o ex.m.º visconde de Margaride.

**Estatística.**

Mappa da população legal dos districtos administrativos do continente e ilhas adjacentes, apurada no ultimo censo a que se proceder:

- Districto administrativo de Angra do Heroismo, concelhos 8, fogos 16:924, população legal 72:407.
- Idem de Aveiro, conc. 16, fogos 62:525, população legal 251:928.
- Idem de Beja, conc. 14, fogos 32:956, população legal 137:268.
- Idem de Braga, conc. 13, fogos 77:378, população legal 318:429.
- Idem de Bragança, conc. 12, fogos 93:283, população legal 161:439.
- Idem de Castello Branco, conc. 12, fogos 40:495, população legal 163:465.
- Idem de Coimbra, conc. 17, fogos 67:475, população legal 280:049.
- Idem de Evora, conc. 13, fogos 24:948, população legal 100:783.
- Idem de Faro, conc. 14, fogos 31:416, população legal 177:310.
- Idem do Funchal, conc. 10, fogos 24:225, população legal 110:478.
- Idem da Guarda, conc. 14, fogos 52:542, população legal 215:995.
- Idem da Horta, conc. 7, fogos 15:795, população legal 65:774.
- Idem de Leiria, conc. 12, fogos 44:046, população legal 180:705.
- Idem de Lisboa, conc. 25, fogos 114:914, população legal 438:622.

quando ella implorava de Roma permissão para se constituir definitivamente nossa; e este prelado não tivesse collaborado tão notavelmente para firmar a nossa independencia; se elle não fosse enfim, como se me affigura que foi, um portuguez do lombo; não tirava ao amigo alguns minutos lendo esta carta, nem eu os perdia, escrevendo-a.

E por fallar em portuguez do lombo — porque seria que o *Diccionario Portuguez* de Fr. Domingos Vieira, tão rico em acrescentamentos de toda a ordem, e principalmente de *cadernets*; não quiz lá inserir, no respectivo artigo, esta forma de dizer vernáculo?

Pois se ella é má — e por ser do lombo — está no caso de ser deitada para traz das costas.

Eu lia na *Aulegrafia* de Jorge de Vasconcellos, vastissima seara, donde podem respigar esplendidas phrases, os que se derem ao estudo da nossa lingua.

Braga, 24 — Março — 1875.

F. C.